



## **UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE CAMPINA GRANDE-PB**

*A BRIEF REFLECTION ABOUT CAMPINA GRANDE-PB  
TERRITORIAL CONFIGURATION*

*UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA CONFIGURACIÓN  
TERRITORIAL DE CAMPINA GRANDE-PB*

**Antônio Albuquerque da Costa <sup>(1)</sup>**

**Jadiel Lucas Alves de Andrade <sup>(2)</sup>**

<sup>(1)</sup> *Docente do  
Departamento de  
Geografia, Universidade  
Estadual da Paraíba.  
E-mail:  
[albuqcosta@hotmail.com](mailto:albuqcosta@hotmail.com)*

<sup>(2)</sup> *Universidade Estadual  
da Paraíba.  
E-mail:  
[jadiellucas19@gmail.com](mailto:jadiellucas19@gmail.com)*



### Resumo

Neste artigo temos a intenção de discutir a gênese e o crescimento da cidade de Campina Grande no estado da Paraíba, a partir de algumas variáveis, como o seu sítio urbano, a situação da cidade - em uma área de transição entre regiões ecologicamente distintas - e os fixos e fluxos que contribuíram para o desenvolvimento de sua economia. Abortamos também neste trabalho as marcas desses elementos que ainda hoje se fazem presentes na sua paisagem urbana, constituindo importantes instrumentos para a compreensão do processo da configuração territorial que foi sendo produzida ao longo de mais de trezentos anos de sua história. Acreditamos que a relevância deste artigo está em contribuir para uma reflexão sobre como as formas pretéritas da divisão do trabalho ajudam na tentativa de apreender a totalidade da configuração territorial hodierna.

**Palavras-chave:** Sítio Urbano. Configuração Territorial. Campina Grande.

### Abstract

In this paper we intend to discuss the genesis and the growth of Campina Grande city in the state of Paraíba, Brazil. We based on some variables, such as its urban site, the city situation - in a transition area between ecologically distinct regions - and its fixes and flows that contributed to the development of its economy. We also address in this paper the marks of these elements that are still present in its urban landscape nowadays, constituting important instruments for understanding the process of territorial configuration that has been produced over more than three hundred years in its history. We believe that this article relevance is the contribution of a reflection on how the past forms of the labor division helps in the attempt to apprehend the totality current territorial configuration.

**Keywords:** Urban Site. Territorial Configuration. Campina Grande.

### Resumen

En este artículo pretendemos analizar la génesis y el crecimiento de la ciudad de Campina Grande en el estado de Paraíba, en función de algunas variables, como su sítio urbano, la situación de la ciudad, en un área de transición entre regiones ecológicamente distintas, y los fijos y los flujos que contribuyeron al desarrollo de su economía. También abortamos en este artículo las marcas de estos elementos que todavía están presentes en su paisaje urbano actual, constituyendo instrumentos importantes para comprender el proceso de configuración territorial que se ha producido durante más de trescientos años en su historia. Creemos que la relevancia de este artículo es contribuir a una reflexión sobre cómo ayudan las formas pasadas de la división del trabajo en el intento de comprender la totalidad de la configuración territorial actual.

**Palabras clave:** Sitio urbano. Configuración territorial. Campina Grande.



## 1. Introdução

O presente artigo é em parte resultado das discussões que estamos fazendo junto ao GEUR (Grupo de Estudos sobre o Urbano), o qual reúne alunos e professores do Departamento de Geografia e de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba e vem refletindo sobre algumas questões que envolvem o cotidiano das cidades. Apesar das leituras e discussões permearem linhas de pensamento e autores diversos, particularmente temos nos dedicado a tentar entender melhor as teorias de Milton Santos, bem como utilizá-las na busca de encontrar respostas que nos ajudem a entender o espaço na atualidade.

O nosso interesse particular está voltado para a cidade de Campina Grande, cidade que pelo seu papel, enquanto capital regional, apresenta grande complexidade e representa um enorme laboratório de pesquisa. Embora venhamos discutindo questões como sua centralidade, a importância do seu CBD (Central Business District) e outros processos como a descentralização, a formação de áreas especializadas, a violência urbana, etc. Aqui faremos uma abordagem mais relacionada às formas presentes, ainda que, estas não estejam acolhendo as funções para as quais, uma intencionalidade pretérita as criou, constituindo-se no que Milton Santos denomina de rugosidades.

Nossa reflexão se inicia pela escolha do sítio urbano, abordagem um tanto quanto fora de moda nos estudos urbanos, mas que entendemos ser importante para nos dar algumas respostas. Daí, enveredamos pela situação geográfica, esta muito mais ressaltada pelos estudiosos como sendo de fundamental importância para as funções que a cidade foi agregando ao longo dos períodos históricos, para atender a determinados interesses econômicos na divisão territorial do trabalho.

Evidente que pela própria natureza deste trabalho não é possível um estudo pormenorizado, apenas fazemos uma breve menção a esta localização, já bastante discutida por outros autores, para em seguida fazermos uma rápida abordagem de como a configuração territorial da cidade, enquanto totalidade agrega em suas paisagens pedaços de tempos passados que se amalgamam em objetos, que despercebidamente, são utilizadas por nossas gerações sem a percepção do por que estão ali, ou porque assumem tal forma, cremos ser esta nossa maior contribuição.

## 2. A Gênese de Campina Grande a partir do seu sítio.

O artigo de Sá (1986)<sup>1</sup> que é uma importante referência para quem se dedica aos estudos sobre Campina Grande é bastante citado no fato da autora salientar o importante papel da posição geográfica desta cidade paraibana para o seu surgimento e posterior crescimento e importância adquirida no cenário regional, mostrando que “Seu crescimento prende-se, naturalmente, à proximidade das áreas produtoras (Sertão, Cariri e Brejo), de consumo e escoamento (Litoral), determinando suas funções de empório comercial e mais tarde de centro regional importante”. (SÁ, 1986, p. 190).

Menos observado no referido trabalho é o fato da autora ressaltar também o “sítio urbano”, conceito muito caro aos geógrafos tradicionais, mais que foi sendo abandonado com as novas abordagens sobre o urbano que foram sendo desenvolvidas ao longo do século XX. Acreditamos que sendo o espaço um produto histórico e social, mas também uma condição e meio de reprodução da sociedade, esta base físico/territorial também precisa ser analisada para que tenhamos uma melhor compreensão do espaço hodierno.

Observa Sá (1986, p. 189) que:

Apesar de sua altitude e da movimentação de seu relevo, o **sítio urbano** da cidade não foi afetado em seu desenvolvimento, assim também não apresentou dificuldades de comunicação como[sic!] o Litoral e o Sertão. Isso porque, a presença dos vales possibilitou mais facilmente o estabelecimento de caminhos e rotas coloniais, desempenhando papel fundamental no desenvolvimento de várias aglomerações. (grifo nosso)

Nossa discussão parte no sentido de mostrar que tanto a posição geográfica foi importante para o crescimento e importância de Campina Grande, quanto às características físicas do sítio foi fundamental para o assentamento humano que deu origem a cidade. Questão que passou a ser negligenciada nos estudos urbanos provavelmente com o receio de associação a um determinismo geográfico. Porém, aqui recorreremos ao princípio que norteia todo o pensamento geográfico e que dá um diferencial a ciência geográfica com relação às demais ciências, que é a relação sociedade/natureza.

Os assentamentos humanos ao longo da história foram viabilizados ou dificultados em função das características físicas do ambiente, desta forma, contribuindo para maior atração ou repulsão de pessoas, em função das condições naturais, mas também, das técnicas disponíveis e dos interesses despertados por questões econômicas ou de proteção, em um dado momento da divisão do trabalho.

---

<sup>1</sup> Algumas Considerações Sobre o Papel de Campina Grande na Rede Urbana Paraibana.



Em fins do século XVII estava em curso o processo de ocupação do interior do Nordeste Oriental com o gado, que se constituiu em importante elemento povoador da imensa hinterlândia semiárida. O rebanho encontrou nesta região de clima seco e, portanto, mais saudável, por dificultar a proliferação de verminose, as condições para que se expandisse. Sendo o gado uma mercadoria que se autotransportava, foi possível ocupar estas áreas distantes do litoral, que era mais densamente povoado.

Precisamos entender que no recorte temporal em estudo, as condições naturais eram muito mais “determinantes” ao tipo de atividade que podia ser empreendida a cada parcela do espaço, sendo necessário observar às virtualidades locais e as técnicas disponíveis às sociedades de tal momento. É a partir de tais observações que podemos entender a escolha do sítio urbano de instalação de Campina Grande.

Se o semiárido se configurava como uma região mais propícia ao criatório, apresentava também suas limitações, sendo uma das mais graves a escassez de água. E é neste aspecto que entendemos ser tal sítio fundamental para o aldeamento Ariú, indígenas do grupo Tarariú, que foram desterritorializados pelo entradista Teodósio de Oliveira Ledo do vale do Piranhas para o Sítio das Barrocas, uma colina a margem direita do Riacho das Piabas.

O Sítio das Barrocas, que se tornou o embrião do futuro povoado, depois vila e posteriormente cidade tinha como características a proximidade de um riacho em cujo nascedouro, até os dias de hoje, há uma fonte, denominada o Olho d'Água do Louzeiro<sup>2</sup> o qual atendeu ao abastecimento da população campinense por muito tempo, bem próximo do Sítio encontrava-se a Lagoa dos Canários (Figura 01) na margem esquerda do referido Riacho das Piabas. Como sabemos os rios secos do Nordeste não serviam apenas de estradas para a penetração das entradas, mas também como abastecedores de água para o gado e pessoas através das cacimbas cavadas em seus leitos, razão pela qual todas as fazendas eram implantadas em ribeiras que se alongavam em direção aos interflúvios.

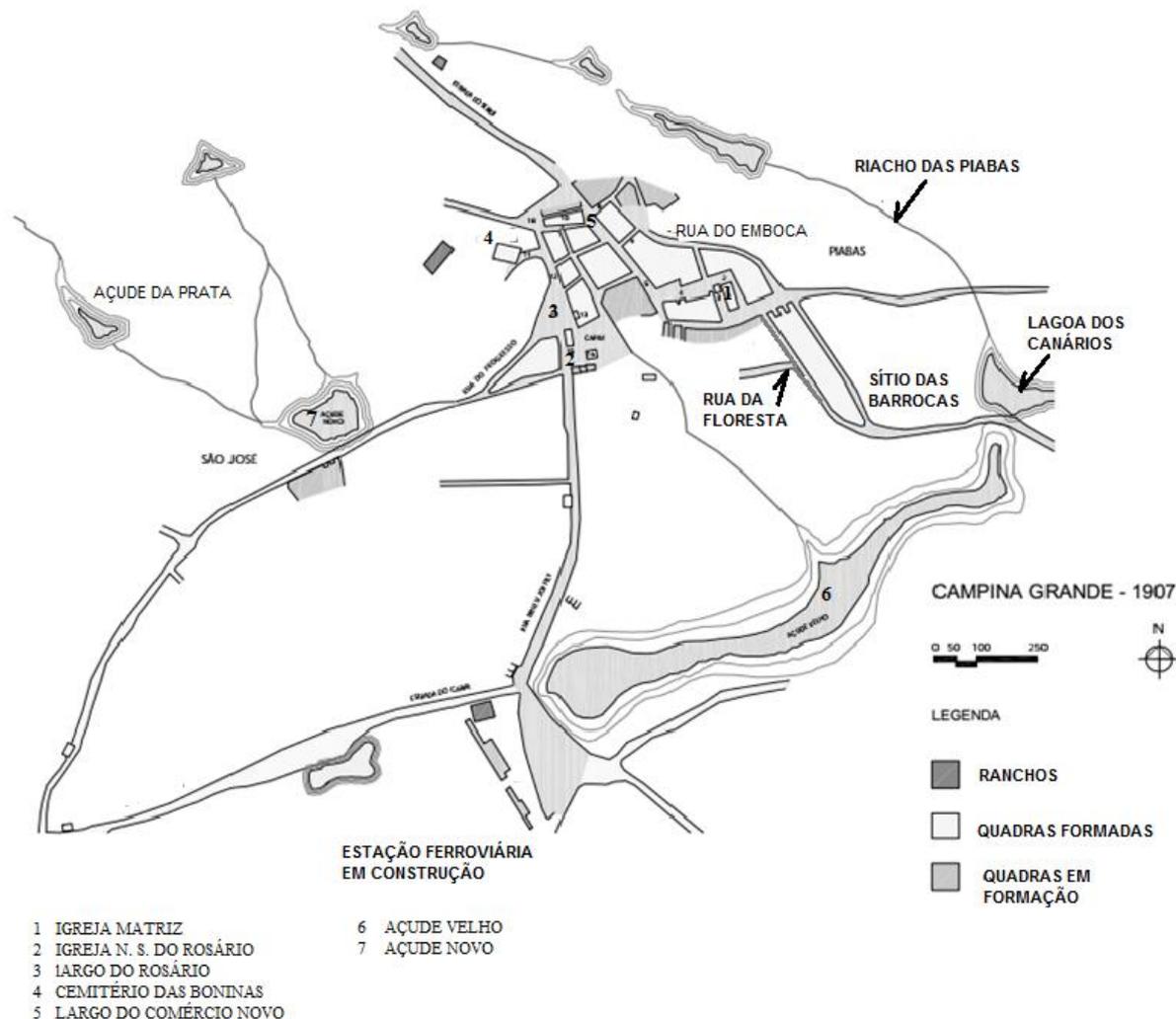
Outro elemento que precisamos prestar atenção é quanto à toponímia dos lugares, o quanto ela nos dá pistas sobre seus aspectos históricos e geográficos, e neste aspecto chamamos a atenção para a Rua da Floresta<sup>3</sup>. O termo nos remete a provável existência de uma vegetação arbórea, que pelo seu porte, se diferenciava do seu entorno, o que certamente, se devia a presença de vários pequenos olhos d'água no local onde esta rua surgiu. A existência desses olhos d'água ainda se faz evidente nos dias atuais, mesmo com as transformações pelas quais o

<sup>2</sup> Olho d'água - denominação dada aos locais onde se verifica o aparecimento de uma fonte ou nina d'água. (GUERRA, 1993, p. 305). Mesmo após a construção do Açude Velho no Riacho das Piabas que teve início em 1829, com o objetivo abastecer a Vila, o Olho d'Água do Louzeiro continuou a ser uma importante fonte de água potável, sobretudo porque as águas do Açude Velho eram salobras.

<sup>3</sup> Trata-se da rua João Lourenço Porto, ainda nos dias atuais conhecida popularmente pela rua da Floresta.

local passou com construções e pavimentação, pela umidade que algumas calçadas apresentam. E mais uma vez recorremos a Guerra (1993, p. 305) quando o mesmo afirma que “as áreas onde aparecem *olhos d’água* são, geralmente, planas e brejosas”. (Grifo do autor).

**Figura 01 - Esboço de Campina Grande em 1907**



Fonte: Blog Retalhos da História de Campina Grande - disponível in: <[gretalhos.blogspot.com/2015/02/mapa-de-campina-grande-em-1907.html](http://gretalhos.blogspot.com/2015/02/mapa-de-campina-grande-em-1907.html)> Acesso em 15/05/2020. Adaptado por COSTA (2020).

O sentido de nos reportarmos a tal fato é mais uma vez ressaltar a importância dessas fontes d’água na escolha do sítio para o aldeamento Ariú. Considerando que um o mais grave problema do semiárido é a escassez de água, a presença desse líquido se configura como uma importante virtualidade natural para o lugar.

Outra questão relevante ao nosso raciocínio é o motivo do descimento desses indígenas do vale do Rio Piranhas no Sertão, para o Agreste paraibano o que nos remete a introdução do criatório no interior e a utilização desses índios para o cuidado com o rebanho. Como é do nosso conhecimento a ocupação da Paraíba se deu inicialmente pelo litoral, como foi com todas as capitâneas que hoje forma o Nordeste Oriental, com a instalação de engenhos de açúcar. Mas



não foi o Agreste a próxima região a ser ocupada e sim o Sertão, tal como nos afirma Andrade (1986, p. 120) “O Agreste, localizado quase inteiramente sobre a Borborema, apesar de próximo à área açucareira e de dispor de condições climáticas e pastagens favoráveis ao desenvolvimento da pecuária, foi tardiamente povoado”.

Proveniente da Bahia, Teodósio de Oliveira Ledo, conduzindo seu rebanho, seguindo as margens do Rio São Francisco por onde alcançou o Rio Moxotó e a partir deste alcançou o Rio Paraíba (SOARES, 2003, p. 27). Através do Paraíba, seguiu pelo seu principal afluente, o rio Taperoá, por onde atingiu seu tributário, o Rio Santa Rosa, na margem do qual instalou uma fazenda. (SOARES, 2003). Observamos que nesse meio pré-técnico de meados do século XVII, explorando um território desconhecido e indiferenciado, sem obras de engenharia, os rios eram os caminhos naturais.

Porém o que nos interessa nesse resgate de fatos é observar que o gado criado na fazenda Santa Rosa a 48 quilômetros de Campina Grande (SOARES, 2003, p.21) estava numa das áreas mais secas do semiárido nordestino, os Cariris Velhos, o que poderia acarretar nas migrações sazonais para as áreas de refrigérios quando o pasto se tornava escasso, como observa Andrade (1986).

Evidente que, aqui enveredamos pela formulação de hipóteses uma vez que não encontramos relatos específicos sobre a questão, no entanto, Câmara (1999, p. 26) já indagava “Não é fácil apreciar os motivos que orientaram o grande desbravador a se desviar do itinerário da capital para onde se dirigia” quando se refere ao porquê da decisão do capitão-mor Teodósio resolver altear os índios aprisionados, em tal sítio. E aqui ousamos presumir que poderia ser para apascentar o gado da fazenda Santa Rosa, como também poderia ser para cultivar os gêneros alimentícios necessários à manutenção da casa grande, sobretudo a farinha de mandioca, de fundamental importância alimentar para a época. Fato observado por Câmara (1999) ao se referir a localização de Campina Grande em contato com áreas de transição ecológica distintas entre brejo, agreste, caatinga e cariri<sup>4</sup>, quando escreve: “Enquanto o milho, o feijão, o arroz etc. cultivou-se com grande abundância nas quatro zonas, tal não se daria com outros ramos da cultura”. (CÂMARA, 1999, p. 27). Porém é na produção da farinha de mandioca que o autor associa a primeira atividade importante de Campina Grande.

Entretanto, uma afirmativa de Câmara nos parece categórica. “o povoado de Campina recebeu, conseqüentemente, nos primeiros dias de vida, o sopro acalentador da civilização pastoril” (CÂMARA, 1998, p. 20). Ora, se a população que formou o povoado eram índios escravizados e desterritorializado, evidente que não poderiam ter posses nem criar gado, desta

<sup>4</sup> A divisão regional que o autor descreve é a Distribuição da Flora da Paraíba de 1892 definida por Irineo Joffily (MOREIRA, 1988).



forma o criatório era da família Oliveira Ledo, e sendo as terras pertencentes a fazenda Santa Rosa, teriam que estar a serviços dessa família, que como mostra o referido autor (op. cit., p. 33) teve o “predomínio político, econômico e social” até inícios do século XIX, quando os índios mestiçados, já não representavam mais a maioria da população e a família Nunes começa a se destacar com proprietários de terras.

### **3. Os Sistemas de Fixos e de Fluxos na Configuração do Espaço Campinense.**

Não pretendemos fazer neste artigo uma história da cidade de Campina Grande, até porque tal tarefa cabe aos historiadores e com muito mais propriedade que nós. Mas, nos esforçamos, entretanto, no intuito de tentar compreender e, talvez até explicar o espaço atual a partir da divisão territorial do trabalho dos diversos momentos históricos e dos testemunhos que foram incorporados na paisagem. Pois como nos afirma Santos (1997, p. 40) “a técnica é tempo congelado e revela uma história”.

Neste aspecto achamos sensato abordarmos, ainda que superficialmente, como o sistema de fixos e fluxos foi importante na configuração territorial<sup>5</sup> de Campina Grande, numa tentativa de mostrar que “Muitas vezes o que imaginamos natural não o é [...] [pois] O que vimos ser construído é, para as gerações seguintes, o que existe diante deles como natureza. Descobrir se um objeto é natural ou artificial exige a compreensão de sua gênese, isto é, de sua história”. (SANTOS, 1991, p. 75). Sem querer simplificar demais essa teoria de Milton Santos, mas apenas numa tentativa de grosseiramente empiricizá-la, vamos aqui exemplificar com o Açude Velho, embora possamos utilizar muitos outros exemplos na cidade. Esta barragem, no riacho das piabas, construída com o objetivo de abastecer a população da vila se incorporou de tal forma a paisagem urbana que todo aquele que não conhece sua história o imagina como um lago natural.

Quando do processo inicial da formação territorial de Campina Grande, há a presença de uma viscosidade espacial pela ausência da mecanização do território. Os fixos são poucos, dispersos, e “marcados pelos tempos lentos da natureza comandando as ações humanas” (SANTOS e SILVEIRA, 2005, p. 27). Os fixos presentes neste momento, como a Fazenda Santa Rosa, o aldeamento das Barrocas, as vilas e engenhos do litoral se interligavam através de caminhos muito precários. Neste meio “as técnicas e trabalho se casavam com às dádivas da

---

<sup>5</sup> Para Santos (1991, p. 75) “A configuração territorial é o território e mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que a define”.



natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação”, como nos assevera Santos (1997, p. 188).

São, porém, esses caminhos tão precários, os fixos percorridos pelos fluxos de animais, pessoas e mercadorias entre o criatório e a *plantation*. São também tais caminhos que deram dinâmica ao povoado. Cabe-nos nesse momento ressaltar mais a importância da localização de Campina Grande do que do seu sítio urbano. Sendo que em ambos os casos a natureza funcionou como regulador constante das ações (BERGER apud SANTOS, 1997). A própria natureza determinava o traçado dos caminhos de forma a facilitar a caminhada das boiadas, mulas e tangerinos.

É provável que a localização de Campina Grande não tivesse a mesma importância em outro momento, no qual o meio já dispusesse de mecanização. Mas naquele momento de técnicas sem “existência autônoma” (SANTOS, 1997, p.188) a relação tempo/espaço apresentava características muito distintas, nas quais os quilômetros não se percorriam em horas, mas em dias. E neste aspecto a localização de Campina Grande torna-se uma virtualidade natural para a vila, pois como ressalta Andrade (1986, p. 123) “já em 1774 [...] à margem dos caminhos de penetração: Campina Grande, centro de comércio do gado, era como a porta de penetração para o sertão paraibano, para o Cariri [...]”.

Câmara (1998) faz semelhante ressalva a importância da localização e dos caminhos (Figura 2) para a economia do lugar, nesse recorte temporal do século XVIII, ao afirmar:

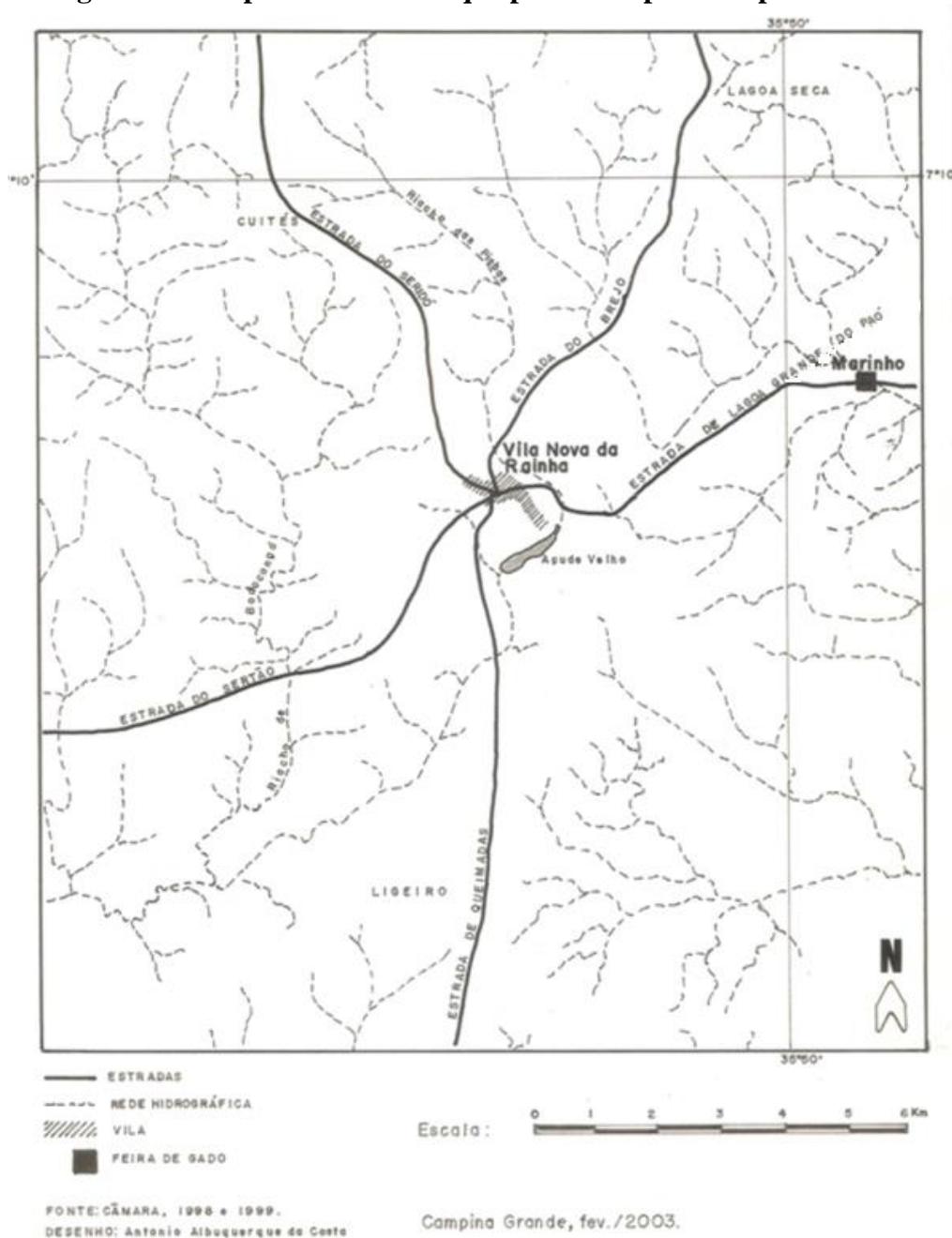
Identificou-se o comércio de farinha e de outros cereais, graças à fácil saída para o interior através de várias estradas - *Sertão* que passava por Logradouro, Lucas, Cacimba Nova, Boa Vista, riacho do Padre, etc.; *Seridó*, por Cuités, Alvinho, Puxinanã, Pocinhos, etc. e *Queimadas*, por Ligeiro, boqueirão da serra do Bodopitá, etc. Consequentemente, foi-se desenvolvendo a indústria farinácea e surgindo no Brejo as engenhocas de fabricar rapadura. (CÂMARA, 1998, p. 25). (grifos do autor)

Não nos interessa neste momento retomar a discussão de Costa (2003) sobre as sucessões e coexistências das economias que se desenvolveram no território campinense, o que pretendemos aqui é mostrar o quando estes caminhos foram importantes para a circulação da produção entre regiões da Paraíba e até na ligação com os estados vizinhos, mas também observar como a expansão da cidade foi acontecendo ao longo desses caminhos.

Mesmo com a reforma urbanística que ocorreu entre finais de 1930 e início de 1940, alinhando ruas e pondo abaixo todo o velho núcleo que abrigava o comércio e as residências da elite campinense, parte deste traçado dos caminhos de gado não só permaneceu como se mantém como verdadeira rugosidade, estranha ao novo traçado urbano que após tais reformas tentaram impor a toda cidade plano ortogonal.

Na Figura 02 podemos observar as principais estradas, que, como mostra Câmara (1998) foram vias importantes para facilitar o comércio de farinha de mandioca e de outros cereais pela facilidade de envio para o interior da capitania. No entanto, o relevo nas proximidades de Campina Grande, representou uma virtualidade natural, pois a estrada que passava por Areia, que constituía um importante elemento de fluxos entre o Litoral e o Sertão, desce o contraforte oriental da Borborema por um relevo muito íngreme, já a estrada que passava por Campina Grande apresentava um relevo muito mais suave, motivo pelo qual tropeiros, boiadeiros e mascates passaram a preferir esta descida do planalto.

**Figura 02 - Mapa das Estradas que passavam por Campina Grande**



Fonte: Costa (2003).



Aqui queremos chamar a atenção para a figura 03, que mostra como estes antigos caminhos foram sendo incorporados a configuração territorial da cidade e hoje despercebidamente os utilizamos sem nos darmos contas que a cidade do presente se sobrepõe a um traçado de fluxo que obedecia outra lógica da divisão territorial do trabalho. Na sobreposição das figuras 02 e 03 tal observação pode ser confirmada. Entretanto, dois fluxos de épocas mais recentes também determinaram fixos que estão encravados no território campinense e foram importantes na atração de outros objetos típicos das épocas em que surgiram, tratam-se da estrada de ferro construída em 1097 e da rodovia construída para fluxos de caminhões.

A estação ferroviária se configurou como uma antecipação espacial (CORRÊA, 2003) que atraiu para si o fluxo de algodão vindo de diversas partes do estado. A simbiose, ponta de trilho, algodão e as águas do açude Velho contribuíram para a instalação do primeiro núcleo industrial da cidade, inclusive atraindo grandes trustes algodoeiros como SANBRA e Anderson Clayton. A área também atraiu a classe operária para suas proximidades resultado em bairros como São José, Liberdade e antigo Prado (hoje incorporado ao Catolé).

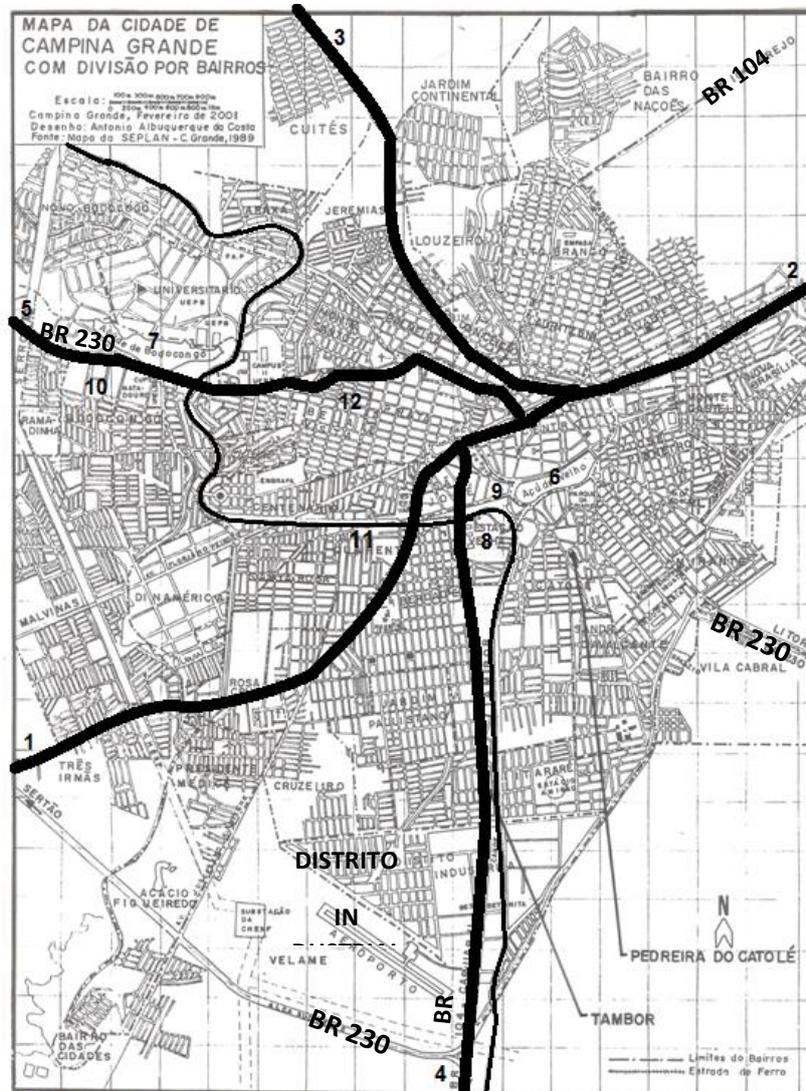
A instalação desse meio mecanizado não é completo, coexiste com um meio pré-técnico, pois como mostra Costa (2003, p. 29) “a introdução de um meio técnico maquinico, não eliminou de imediato a existência de um meio pré-técnico, sobretudo a montante de Campina Grande” no qual os fluxos de mercadorias, dentre os quais o algodão ainda ocorria em lombos de mulas e o transporte urbano de mercadoria para a estação ferroviária até 1923 ainda se fazia por carroças de bois. (CÂMARA, 1989).

A dinâmica urbana provocada por esta antecipação espacial se faz presente em algumas edificações cujas formas ainda guardam as marcas dos conteúdos para os quais foram concebidas, são galpões sem muito requinte arquitetônico cuja função era armazenar o algodão antes do embarque, ou como na antiga fábrica Anderson Clayton, local de beneficiamento do referido produto.

Na época da produção deste espaço, o mesmo estava fora da cidade, mas em função de toda a dinâmica provocada pelo fluxo que para aí convergia, logo se incorporou a cidade, não só através de galpões e fábricas, mas também como residência da classe operária que também se direcionou para as proximidades. Hoje completamente incorporado à configuração territorial da cidade tais galpões marcam a paisagem, sendo testemunho paisagístico da dinâmica que aí se processou em função dos fluxos ferroviário e do fluxo não maquinico das mulas e carroças puxadas a juntas de bois. Esta paisagem fortemente marcada por objetos geográficos do passado

e que confirmam a dinâmica de tal divisão territorial do trabalho já foi abordada por Farias e Costa (2017) ao falar das rugosidades algodoeira no espaço campinense.

**Figura 03 - Mapa de Campina Grande com as ruas que surgiram nos antigos caminhos e estradas**



**LEGENDA**

- 1 Antiga Estrada do Sertão/ PB-138 ( Av. Francisco Lopes Almeida/ A. Alm. Barroso/Av. D. Pedro I /Rua Lino Gomes/ Rua Treze de Maio/ Rua Afonso Campos/ Rua Dep. José Tavares / Rua Tavares Cavalcante)
  - 2 Rua Santo Antonio / PB- 095.
  - 3 Antiga Estrada do Seridó / PB 113 ( Av. Paris / Rua Quinze de Novembro/ Rua Pres. Epitácio Pessoa/ Rua Barão do Abia/ Rua Peregrino de Carvalho.
  - 4 Antiga Estrada de Queimadas - BR 104 ( Av. Assis Chateaubriand / Rua José do Patrocínio
  - 5 Antiga Rodage - Rua Manoel Mota/ rua Aprígio Veloso/ Rua D. Pedro II / Rua Sarg. Hermes Ferreira Ramos - antiga Volta de Zé Leal / Rua Arrojado Lisboa / Rua Presidente João Pessoa / Rua Marquês do Herval (antiga Praça do Algodão)
  - 7 Açude de Bodocongó
  - 8 Estação Velha (Ferroviária)
  - 9 Primeira área industrial de Campina Grande
  - 10 Área industrial do Bairro de Bodocongó
  - 11 Estação Nova (Ferroviária)
- Ferrovias  
 Antigas Estradas - Atuais ruas

Fonte: Costa (2003).

O espaço em discussão encontra-se numa área muito valorizada da cidade, tanto do ponto de vista comercial quanto residencial o que fez com que a mesma após o fim das antigas atividades econômicas e da transferência do terminal ferroviário para outro local não entrasse num processo de marginalização espacial (CORRÊA, 2003) e acolhesse novas funções. Também é válido acrescentar que a maioria dos armazéns se prestou a atividades comerciais que se adaptaram as formas preexistentes sem necessitar transformá-las, o que ajudou a preservar tal patrimônio arquitetônico. Só mais recentemente outras atividades passaram a alterar a fachada desses prédios, em especial os serviços, sem nenhuma preocupação de preservar a memória desse espaço, a exemplo da faculdade Cesrei (Figura 04) e casa de Recepções Boucheree (Figura 05)

**Figura 04 - Faculdade Cesrei.**



Fonte: Costa, 2019

**Figura 05 - Casa de Recepções**



Fonte: Costa, 2019

Outro direcionamento que a configuração territorial de Campina Grande teve, está ligado ao advento do caminhão e a construção da estrada de rodagem, que redefiniu os fluxos entre esta cidade e o Sertão. A rodagem se constituiu com a principal porta de entrada e saída não só de Campina Grande, mas também da capital que obrigatoriamente tinha que passar por esta cidade. O Açude de Bodocongó concluído em 1917 representou uma importante virtualidade para o momento em que os fluxos passaram a ocorrer em caminhões com a estrada de rodagem margeando tal reservatório. Estas virtualidades produzidas foram fundamentais na seletividade espacial da indústria campinense.

[...] um padrão [industrial] envolvendo áreas que eram periféricas, mas não distante do espaço urbanizado de modo contínuo [tinha na] indústria têxtil um bom exemplo. Tratava-se de fiações e tecelagens localizadas junto às fontes de energia hidráulica e de água límpidas necessárias às suas diversas operações fabris. Isoladas da cidade, tais indústrias tinham junto a si uma força de trabalho cativa, residindo em vilas operárias: criou-se assim um espaço industrial



constituído de lugar de produção e de residência. Em breve este espaço seria efetivamente incorporado à cidade, tornando-se um bairro ou subúrbio. (CORRÊA, 1989, p. 53)

Margeando a estrada de rodagem e nas adjacências do reservatório de Bodocongó desenvolveu-se uma segunda área industrial de Campina Grande, com setor fabril bastante condicionado a produção regional, como curtumes, fábricas de sabão e óleos comestíveis e a indústria têxtil (Figura 06), hoje demolida. A narrativa de Corrêa (1989) exemplifica com precisão a localização desta indústria, inclusive na formação de uma mão de obra cativa nas adjacências da mesma, a vila operária Nossa Senhora de Nazateh, (Figura 07) também demolida.

Diferente da antiga área industrial às margens do Açude Velho que teve sua formação condicionada ao fluxo ferroviário, esta nova área se dá em função dos fluxos rodoviários em local mais afastado do perímetro urbano e cuja integração se fez pela rodagem, ao longo da qual a cidade foi se estendendo de forma quase tentacular. A rodagem atraiu armazéns de agave, algodão, peles, pequenos comércios, bares e cabarés, que surgiram para atender aos caminhoneiros que circulavam por este acesso. Tal como no entorno da Estação Velha as proximidades da feira da Prata guardam relíquias arquitetônicas desse momento. O que se deve também a incorporação deste trecho a malha urbana, acolhendo novas funções que se adequaram as formas pretéritas, ou seja, aí se instalaram oficinas mecânicas que pela natureza do serviço utilizaram os armazéns sem precisar alterar a forma preexistente (Figura 08).

Ressaltamos neste setor a forte presença do estilo *art déco*, que é um forte indicador que de expansão da cidade para essa área é pós reforma urbanística do prefeito Vergniaud Wanderley, ou seja, é possível identificar a expansão da cidade nos anos 1940 pela presença de armazéns ou até mesmo de residência com o referido estilo arquitetônico. O que podemos notar na fachada da extinta indústria têxtil de Bodocongó (Figura 06) como também nas fachadas das casas da também extinta vila operária (figura 07).

A Rodagem era a única via de acesso aos fluxos provenientes do Sertão ou dos fluxos que para lá se destinavam, daí a dinâmica que surge em torno desta via, com comércio e serviços variados que atendiam aos caminhoneiro, mas também aos passageiros que esperavam por ônibus em locais que se constituíram em paradas obrigatórias. A rua Sargento Hermes Ferreira Ramos é uma rugosidade da antiga rodagem, conforme podemos observar na figura 09. No trecho denominado Volta de Zé Leal, a rodagem fazia uma curva que hoje não sendo mais percorrida por quem trafega na área, praticamente se tornou imperceptível, causando estranheza que a rua que aparentemente é seu prosseguimento tenha outra denominação. (figura 09). Este

trajeto da rodagem a partir do bairro de Bodocongó até o centro da cidade pode ser observado na figura 03.

**Figura 06 - Indústria Têxtil - Bodocongó na década de 1950**



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2011) - acesso em 23/10/2019

**Figura 07 - Vila Operária Nossa Senhora de Nazareth - 1957**



Fonte: Almeida (2017)

**Figura 08 - Oficinas mecânicas nos antigos depósitos de algodão/sisal.**



Fonte: Farias e Costa, 2017.

**Figura 09 - Antiga Rodagem no trecho da Volta de Zé Leal**



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2011) - acesso em 23/10/2019



Até a inauguração do terminal rodoviário Argemiro de Figueiredo (Estação Nova) todo o fluxo proveniente do litoral ou de outras regiões do estado tinham como nó o terminal rodoviário Cristiano Lauritzen (Rodoviária Velha) no centro da cidade, cujo percurso dos ônibus que iam para o Sertão ou para o Litoral tinha obrigatoriamente que seguir o traçado da rodagem. A construção da alça Sudoeste eliminou este fluxo de veículos dentro da cidade, pois a intensidade destes e a rapidez dos tempos modernos passaram a exigir maior fluidez do território.

Nos anos de 1960 se instala outra lógica na organizacional no espaço campinense e, embora o sistema de fluxo continue tão importante como no passado, o novo meio técnico permite uma maior flexibilidade dos fixos. Desta forma o distrito industrial que foi implantado já não dependia da fonte de água em suas proximidades e as matérias primas podem ser provenientes de outras regiões do país. O distrito industrial que surge mediante a teoria dos polos de desenvolvimento da SUDENE, e fortemente acolhida pelo regime militar é alheio às características da base produtiva local.

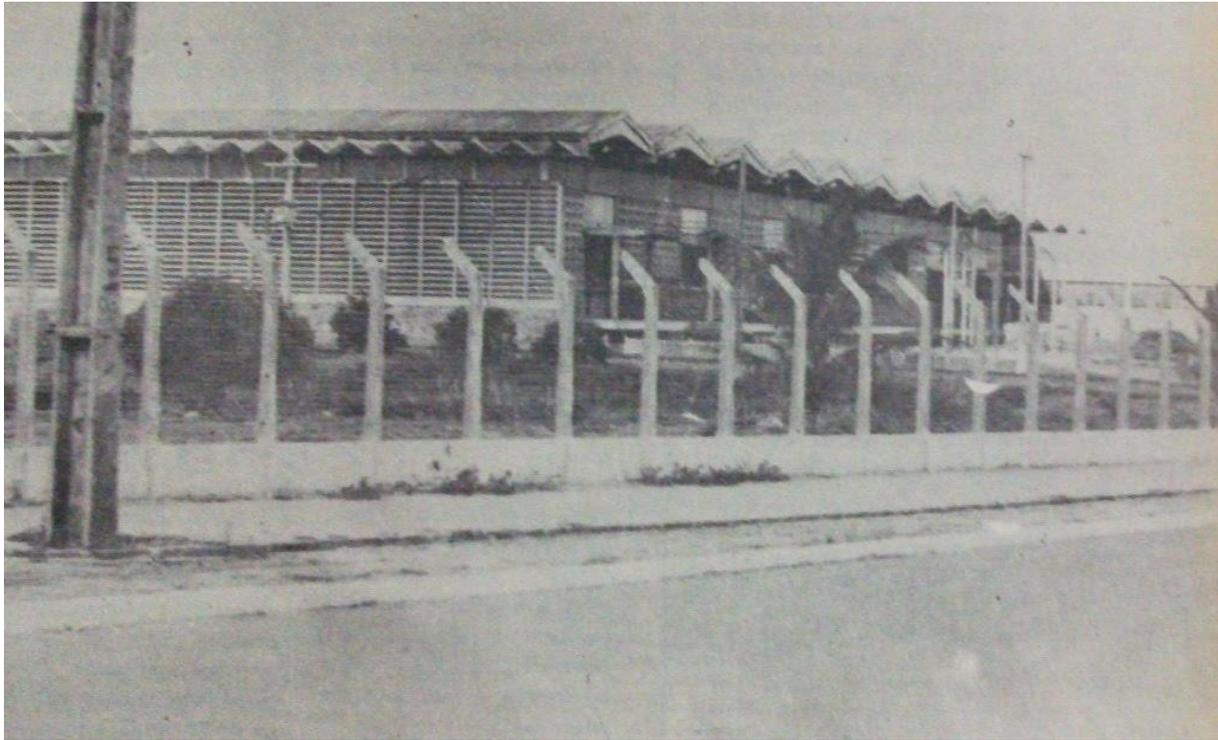
O distrito industrial, de localização periférica, resulta de uma ação do Estado visando, através da socialização de vários fatores de produção como terrenos preparados, acessibilidade, água energia; e, de acordo com interesses de outros agentes sociais, como proprietários fundiários e industriais, criar economia de aglomeração para as atividades de produção industrial. (CORRÊA, 1989, p. 56).

O que podemos notar ao compararmos a localização das indústrias nas proximidades do Açude Velho e do Açude de Bodocongó é um condicionamento natural à fonte de água e as vias de circulação, a ferrovia e a estrada de rodagem respectivamente. Há também uma forte identificação no beneficiamento de uma produção local, fatores que não interferem na localização do Distrito Industrial, exceto a acessibilidade pela BR 104 e a presença da ferrovia, que não apresentava a importância de outrora, quando de sua implantação. Esta “localização industrial descentralizada [...] ao logo de vias férreas ou vias que conectam a cidade à hinterlândia regional [e] à nacional” (CORRÊA, 1989, p. 55-56), caracteriza bem esta nova área industrial.

Bem diferente dos fatores de atração que influenciaram na base industrial que havia se formado no território campinense na primeira metade do século XX, esta nova indústria é atraída pelos incentivos fiscais, motivo pelo qual uma significativa quantidade fábricas abandona o território após o fim de tais benefícios estatais. Dentre tais indústrias certamente o caso mais marcante para a cidade é o da Wallig Nordeste (Figura 10), que em 1979 encerra suas

atividades industriais na cidade causando um grave problema social para o município ao deixar um grande contingente de desempregados. O que associamos dessas indústrias de base fordista com as construções do passado é a solidez de suas construções que marcam fortemente a paisagem.

**Figura 10 - Wallig Nordeste - Distrito Industrial de Campina Grande**



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2011) - acesso em 23/05/2020

A produção espacial da modernidade líquida é a base do pré-moldado, cria rapidamente formas que, com a mesma rapidez se adaptam a novos conteúdos ou somem da paisagem sem deixar vestígios. Tais construções estandardizadas conferem pouca identidade aos lugares, pois são cada vez mais semelhantes a tantas outras, de tantos outros lugares. Não são estruturas que deixam marcas para o tempo futuro. Isso é muito evidente na nova economia com a produção de softwares. É um setor que não se faz notar espacialmente, não cria paisagem.

Ao fazermos esta breve incursão na formação territorial de Campina Grande, observamos como nos mostra Santos (1997, p. 211) que

“[...] as redes existentes serviam a uma pequena vida de relações, [...] O espectro do consumo era limitado. Exceto para uns poucos indivíduos, as sociedades locais tinham suas necessidades localmente satisfeitas. [...] O tempo era vivido como um tempo lento”.

Hoje, a sociedade em redes do meio técnico-científico-informacional provoca o curto circuito não só do fluxo de pessoas e mercadorias, mas também da informação e do consumo



que ocorre sem fronteiras nem respeito à hierarquia urbana. O consumo estandardizado também cria um espaço estandardizado que atendem às necessidades da população atual. No entanto as formas herdadas de momentos distintos que coexistem, se sucederam ou que foram acrescidas na paisagem nos dão uma base para entendermos o espaço não apenas como produto e meio, mas também como condição de sua reprodução futura.

#### **4. Considerações Finais**

Entender a formação territorial do presente requer um esforço em desvendar como a produção do mesmo ocorreu em diversos momentos históricos, as necessidades e intencionalidades que havia em cada ação criadora que se materializou nas formas as quais chegam até nós. Faz-se necessário, também, entender a sucessão dos diversos meios e a disponibilidades de técnicas e recursos das sociedades pretéritas.

Com base nas técnicas, recursos e intencionalidades dos colonizadores entendemos que o sítio de fundação da cidade de Campina Grande foi de suma importância pela presença da água, o que representou uma virtualidade natural na seletividade espacial do mesmo, visto que, com exceção dos brejos de altitude que constituem enclaves úmidos, a ausência de água pela irregularidade pluviométrica sempre foi um dos maiores problemas a ocupação humana no semiárido.

Ainda com base nos mesmos critérios, compreendemos como a localização também representou uma virtualidade natural, pois o relevo se apresentava mais suavizado na descida do Planalto de Borborema e sua situação em zonas ecologicamente distintas, tornava Campina Grande um ponto de convergência dos diversos produtos que eram comercializados em sua feira. A condição de estar a meio caminho do sertão e do litoral também possibilitou que a mesma se tornasse parada obrigatória para o abastecimento de tropeiros e tangerinos, em um tempo no qual as distâncias importavam muito mais que hoje, já que percorridas a pé ou no lombo de mulas.

Consideramos que em um segundo momento as virtualidades produzidas se tornam mais importantes que as naturais, com a emergência de um meio no qual o sistema de engenharia se faz presente e a seletividade espacial passa a ocorrer através da montagem de próteses sobre o espaço. Embora tenhamos observado que a chegada de um novo sistema de técnicas não elimine o outro e que seja possível a coexistência de dois sistemas técnicos nos quais as modernidades e os tempos lentos se façam presentes, são os sistemas de engenharia que se tornam hegemônicos e passam a ditar a organização do espaço.



Com o advento do automóvel observamos que os fixos do período anterior se adaptam aos novos fluxos e os caminhos de boiadas e de tropeiros se transformam em estradas por onde os caminhões vão circular. O que observamos é que alguns desses caminhos já eram utilizados pelos índios em suas migrações, depois passam a ser utilizados pelas mulas e as boiadas, já que seguiam as curvas de níveis do relevo, menos extenuantes nas longas caminhadas.

Como ao longo dessas estradas surgem casas, que posteriormente se transformando em ruas, tais traçados se consolidam como rugosidades de tempo passado, cuja razão se ser remete a outro momento técnico e a outra divisão territorial e social do trabalho. Desta forma a configuração territorial é um somatório de tempos distintos cujas espacialidades atendiam a outros objetivos, mas que vão se amalgamando nessa totalidade sempre incompleta.

Por fim, observamos que por mais que o espaço se transforme, e novos artefatos sejam criados este jamais apaga todas as formas que lhe foram impressas. Sendo assim, o espaço é esse palimpsesto de formas sobrepostas, cada vez mais complexo pelo adensamento de técnicas e informações, cuja reprodução muito mais que antes se dá em função de objetivos estranhos ao lugar. Mas, é exatamente a forma própria como cada território foi sendo construído, que lhe imprime uma personalidade e o distingue de todos os demais. E, por mais que globalização busque uma padronização dos espaços, a história de cada lugar e a sua organização territorial acolhe os feixes da verticalização distintamente tornando-os singulares, mas não explicáveis sem a sua relação com a totalidade da qual é parte.

## 5. Referências

ALMEIDA, Wellington Venício de. **Dinâmica socioespacial da feira livre do Conjunto Severino Cabral no bairro de Bodocongó** - Campina Grande -PB. 2016. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, Campina Grande, 2016.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande, 1998

\_\_\_\_\_. **Os Alicerces de Campina Grande**. Campina Grande: Caravela, 1999.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional**: a feira de Campina Grande na interface desse processo. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.



CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço um Conceito Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (ogr.) **Geografia: Conceitos e temas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989 (Série Princípios)

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário Geológico e Geomorfológico**. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha e COSTA, Antônio Albuquerque da Costa. As Rugosidades do Comércio Algodoeiro no Espaço Urbano Atual de Campina Grande-PB. **Revista GeoSertões**. vol. 2, nº 4, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/548> Acesso em: 25 de set. 2019

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. **Mesorregiões e Microrregiões da Paraíba: delimitação e caracterização**. João Pessoa: GAPLAN, 1988.

SÁ, Maria Braga de. **Algumas Considerações Sobre o Papel de Campina Grande na Rede Urbana Paraibana**. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1986, p.187-199.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. 2ª edição São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 7. ed., São Paulo: Record, 2005.